

Práticas comunicativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu em Alto Longá/PI¹

Lívia Moreira Barroso²
Vitória Caroline Coutinho³
Carlos Eduardo Lima Andrade⁴
Universidade Federal do Piauí/UFPI

RESUMO

O trabalho tem por objetivo identificar, compreender e analisar as práticas comunicativas das mulheres quebradeiras de coco da zona rural do município piauiense de Alto Longá. A atividade extrativista do coco babaçu vem há décadas sendo uma das formas econômicas e de sustento das famílias da região e, nos interessa analisar as formas de comunicação e por quais meios são utilizados entre as mulheres que quebram coco em dois assentamentos rurais, Invejada do Franklin e Floresta. A pesquisa é norteada pela discussão de território e sobre como os meios de comunicação, sobretudo a internet, impactam na vida, na comunicação e nas relações sociais do grupo estudado. Usamos como metodologias a observação participante e a entrevista em profundidade. A pesquisa, ainda em andamento, indica que o corpus estudado tem como principais formas de comunicação a oralidade e a comunicação mediada via internet para troca de mensagens e comercialização do óleo de coco produzido por elas. Mas, também, fazem o uso do rádio e da televisão como forma de distração/lazer.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; ruralidade; mulheres; território; coco babaçu.

A realidade dos assentamentos⁵ rurais, Invejada do Franklin e Floresta, na zona rural do município de Alto Longá⁶, Piauí, sempre foi marcada pela extração do coco babaçu, atividade predominantemente realizada por mulheres que, além de ser fonte de renda, é um pilar da identidade coletiva e da organização comunitária local. Iniciadas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professora do curso de Jornalismo da UFPI. Email: liviabarroso@ufpi.edu.br

³ Aluna do 7º período do curso de Jornalismo da UFPI. Email: vitória.coutinho@ufpi.edu.br

⁴ Aluno do 8º período do curso de Jornalismo da UFPI. Email:

⁵ De acordo, com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), os assentamentos são um conjunto de unidade agrícolas, onde a família beneficiada deve residir e explorar o lote com o desenvolvimento de atividades agrícolas diversas.

⁶ Município localizado a 80 km da capital Teresina e com uma população de pouco mais de 13 mil habitantes.

desde jovens, por falta de alternativas, as quebradeiras de coco babaçu transformaram o ofício em um saber transmitido entre gerações, essencial para a manutenção dos vínculos sociais e culturais comunitários.

Os assentamentos rurais são espaço de vida social intensa e que instigam a necessidade de se observar atentamente as construções e o pulsar da relações nestes lugares. A socióloga e pesquisadora dos rurais brasileiros, Maria Nazaré Wanderley (2000, p. 36), afirma que:

Os assentamentos de reforma agrária: o retorno à vida rural. Parte significativa dos beneficiários do programa de reforma agrária que vem sendo implantado no Brasil integra o contingente daqueles trabalhadores rurais ou pequenos agricultores que haviam sido, anteriormente expulsos do campo. [...] A eles corresponde uma “situação” de reconstrução das bases de uma vida social local, através da retomada da experiência da coletividade local [...]

A vida nos assentamentos é ligada à natureza, aos ciclos do babaçu, aos saberes populares e a uma resistência silenciosa, mas constante, que se manifesta nas formas de plantar, colher, extrair da natureza, produzir e conviver. Apesar das carências de infraestrutura e do acesso limitado a políticas públicas, essas comunidades preservam suas práticas culturais e produtivas, constantemente reinventando a forma de viver no campo. Contudo, essas práticas não permanecem isoladas das transformações contemporâneas.

A modernização da comunicação, impulsionada pela internet e pelas tecnologias móveis, tem provocado mudanças significativas, até mesmo em territórios rurais. Segundo Manuel Castells (2000), a sociedade contemporânea é uma rede global, onde os fluxos de informação reconfiguram a organização social. Nesse contexto, ao utilizarem ferramentas como o WhatsApp para divulgar e comercializar seus produtos, as quebradeiras de coco babaçu inserem-se na lógica da economia da informação, ainda que de maneira informal e adaptada às suas realidades.

A introdução dessas tecnologias digitais nos espaços rurais também altera a percepção do território. Milton Santos (2012) entende o espaço como o resultado da articulação entre objetos, ações e as técnicas disponíveis em cada época. O uso das mídias digitais transforma o espaço rural: o que antes era visto como desconectado, agora é um território em diálogo com o mundo, onde o tradicional e o moderno se intercalam. A

apropriação dessas tecnologias, portanto, reconfigura o território rural, criando novas formas de habitar, mais conectadas e conscientes de sua história e identidade.

Outro fator fundamental para a reconfiguração do campo tem sido a crescente proximidade do mundo rural com elementos que antes eram exclusivos do mundo urbano. Isso não significa que esteja havendo uma urbanização do ambiente rural, mas que o contato com situações e aspectos que, até pouco tempo atrás, eram característicos das cidades (os meios de comunicação entram aqui), possibilitou uma interação entre os mundos. O que é importante destacar é que, segundo Laubstein (2011, 97), “as relações entre o campo e a cidade não destroem as particularidades dos dois polos e, por conseguinte, não representam o fim do rural [...] as transformações do rural, intensificadas pelas trocas materiais e simbólicas com o urbano, fazem emergir uma nova ruralidade”.

Porém, as transformações geradas pelas novas tecnologias só fazem sentido quando compreendidas a partir da experiência vivida pelos sujeitos. Paulo Freire (1996), em “Pedagogia do Oprimido”, destaca a comunicação como um ato de diálogo e conscientização. No caso das mulheres extrativistas, comunicar-se é também um ato de resistência: seja pela oralidade, pela troca de saberes nas redes sociais ou pela organização comunitária, elas criam e compartilham práticas que desafiam as estruturas de exclusão. Para Freire, a palavra não é apenas meio de transmissão de informações, mas de transformação social e política, e isso se reflete no modo como essas mulheres, por meio da comunicação, se organizam e reforçam sua identidade.

A comunicação, portanto, desempenha um papel multifacetado: fortalece identidades, impulsiona a economia local e amplia as formas de engajamento social e comunitário. Ao combinarem saberes tradicionais com novas tecnologias, essas mulheres não apenas preservam sua ruralidade, mas a constroem de maneira dinâmica, conectada e em constante reinvenção. O estudo de suas práticas vai além de uma simples adaptação às novas mídias, revela a potência transformadora da coletividade, da apropriação crítica das tecnologias e da comunicação como ferramenta de fortalecimento e mudança social.

Nesse processo, o WhatsApp e outras redes sociais não apenas amplificam os canais de divulgação dos produtos, mas também se tornam espaços simbólicos de pertencimento e visibilidade. As trajetórias das quebradeiras, historicamente invisibilizadas, ganham agora um novo espaço de afirmação e protagonismo. Nesse sentido, cada etapa da extração do coco babaçu carrega não apenas esforço físico, mas

também saberes ancestrais, que têm sido passados entre gerações de mulheres. Elas, desde cedo, encontraram nesse ofício uma alternativa ao escasso acesso a outras formas de geração de renda, e mantêm viva essa prática, que une trabalho, memória e resistência.

Sendo assim, com traços que estão tanto no passado quanto no presente, os assentamentos observados veem delineando sua história nas últimas décadas. É a tradição que caminha lado a lado com o “moderno”, com as especificidades da época atual, com um estilo de vida que está se inserindo dentro do que Giddens (1991) chamou de um “ritmo de mudança” que está mais dinâmico, e que se percebe tanto na ruptura com as tradições como na inserção de elementos de ordem tecnológica – eletricidade, meios de comunicação eletrônicos, máquinas agrícolas, por exemplo. As mudanças em Invejada do Franklin Floresta são muitas e para quem vive nas comunidades há anos, elas são visíveis. Mesmo assim, compreendemos que é um espaço que ainda vive em um processo de adaptação com os diversos elementos de uma modernidade particular; em que nem tudo condiz totalmente com as características de um mundo moderno, já que não existe uma mudança abrupta de hábitos. Muito já se modificou nos últimos anos, mas o encontro com o tradicional, com a oralidade, ainda é algo fácil de ser encontrado nos assentamento.

Por fim, nas nossas observações preliminares, a serem complementadas posteriormente com entrevistas com as quebradeiras de coco, percebemos que este grupo vive um limiar entre a manutenção da tradição oral alinhavada com o extrativismo, que tem, no últimos anos, se complementado com práticas midiáticas modernas que auxiliam na comunicação interpessoal, na comercialização dos produtos extraídos do coco babaçu. O uso das redes sociais online já é uma realidade na vida destas mulheres, mas também a manutenção em seu cotidiano de meios de comunicação tradicionais dizem sobre a complexidade comunicacional do lugar estudado.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

LAUBSTEIN, Fernanda Cristina. A ruralidade ontem e hoje: uma análise do rural na contemporaneidade. **Aurora**. Marília, 2011.ano 5. v. 8. p. 92-102.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo**. São Paulo: Hucitec, 2012.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, nº 15, Pernambuco, 2000.